

“REMEMORAÇÃO DA NATUREZA NO SUJEITO”: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA CRÍTICA PARA PENSARMOS A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

FÁBIO CAIRES CORREIA

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, São Paulo, Brasil

JOÃO PEDRO ARAÚJO DOS SANTOS

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, São Paulo, Brasil

RESUMO: Em uma atualidade em que nos deparamos com a intensificação de uma crise ambiental sem precedentes na história, crise essa estritamente relacionada ao nosso modo de produção predatório em relação a natureza, torna-se necessário pensar em formas de combate a essa lógica instaurada, e dirigir o nosso discurso em direção a crítica. São múltiplos os focos que este combate e essa crítica poderiam ter, porém a presente pesquisa, buscou na Teoria Crítica, cumulada principalmente na figura de Theodor W. Adorno, um modo de combate e de crítica ao vigente, enfocando principalmente na complexa relação entre sujeito e natureza na modernidade, e findando nas contribuições que a Teoria Crítica pode realizar para pensarmos uma Educação Ambiental também Crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Dominação; Educação Ambiental; Razão; Sujeito-Natureza; Teoria Crítica.

INTRODUÇÃO

O dinheiro não nos protege, não enche o estômago, não faz nossa alegria. Para os brancos, é diferente. Eles não sabem sonhar com os espíritos como nós. Preferem não saber que o trabalho dos xamãs é proteger a terra, tanto para nós e nossos filhos como para eles e os seus.

Davi Kopenawa, *A queda do Céu*, p. 217.

Eu gostaria de ser lembrado como alguém que amou o mundo, as pessoas, os bichos, as árvores, a terra, a água, a vida.

Paulo Freire, *À sombra desta mangueira*, p. 25.

Em decorrência do nosso atual modelo de sociedade, estamos passando por uma crise ambiental mundial, uma crise que é eminentemente social, se considerarmos o ser humano e suas diversas culturas como parte da natureza. A mudança desse modelo requer a participação de todos, pois o atual ordenamento político, econômico e ambiental é fruto de

uma construção histórica coletiva, que da mesma forma pode ser modificada. Construir uma sociedade sustentável implica refletir criticamente sobre o paradigma vigente, ou seja, a estrutura de pensamento que orienta nossos procedimentos e se evidencia através do modo de produção e consumo material, das relações de poder que organizam a convivência e a produção de conhecimento.

A educação ambiental é um conceito que está sempre presente no horizonte de quem de fato se preocupa em legar um espaço habitacional não só digno, mas útil às gerações seguintes. Uma terra capaz de sustentar a vida em todas as suas expressões. Isso significa que não há dúvida de que essa capacidade de sustentar a vida está em jogo no momento. Mas também significa que, apesar de ter danos irreversíveis, ainda é possível restaurar parte de sua função original, sustentando a vida humana em sua amplitude. Não é razoável aceitar que sua função seja recriada de tempos em tempos ou durante ciclos muito longos, através de eras glaciais ou destruição da vida, para recomeçar. Não nos resta dúvidas de que é possível preservar a vida como a conhecemos agora. O projeto de uma educação ambiental está para além de uma mera preservação da vida, é também estender a vida: “adiar o fim do mundo” (Krenak, 2019).

Existem bases suficientemente estudadas para fazer uma proposta que contrarie a tendência hegemônica de proteger os interesses econômicos e políticos relativos à saúde e ao bem-estar de todas as expressões de vida no planeta. Libertar é informar, gerar espaços de discussão, buscar soluções e denunciar silêncios (Adorno, 1969). Trata-se de colocar sol, mar, chuva, poeira e noite nos silêncios da história antes que não os tenhamos mais (Krenak, 2022). Ou, como diria Benjamin,

O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro de ar que foi respirado antes? Não existe, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? [...] Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo (Benjamin, 1996, p. 223).

Existe no presente que nos habita, uma urgência política, qual seja, restituir à sensibilidade o lugar que lhe é de direito. Sensibilidade que é, por consequência, ancestralidade: alguém na terra está à nossa espera.

Se partimos de Adorno para compreendermos a relação entre o sujeito e a natureza na modernidade, partimos sumariamente da obra *Dialética do Esclarecimento*, lançada originalmente em 1947, em parceria com Max Horkheimer. Este texto discute, de forma crítica, a falha do programa do Esclarecimento (*Aufklärung*), proposto e adotado na modernidade. Segundo Adorno e Horkheimer (1985, p. 3), “o programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber”. Resta saber se tal promessa fora, de fato, efetivada.

Os iluministas pretendiam superar a sacralização e a teologização do conhecimento e da natureza, através de um sujeito puramente formal, isto é, livres das afecções materiais. É o que Kant, por exemplo, quer dizer ao fazer referência ao “sujeito transcendental”. Esse novo paradigma que pretendia a busca de um conhecimento puro; a-histórico, invariavelmente contribuiu para a separação do sujeito e da natureza, e na construção de uma barreira que determinava um sujeito (ativo) e um objeto (passivo) a ser estudado e experimentado. De certo, esse novo modo de pensar o conhecimento e as relações do sujeito para com ele, fundamentaram a compreensão comum que nós temos da ciência atualmente. No *modus* positivista, o conhecimento científico elimina a subjetividade, busca pelo genuíno, alicerçado na única faculdade do sujeito que poderia garantir a verificabilidade do fenômeno pretendido ou estudado, qual seja, a razão.

A razão, desse modo, torna-se assim o conceito-mor no paradigma da ciência moderna e condiciona qualquer relação do sujeito com a realidade, e consequentemente condiciona a relação que o sujeito estabelece com a natureza. Adorno e Horkheimer conceitualizam este movimento como *razão instrumental*, ou seja, a utilização da racionalidade de uma forma puramente pragmática, com um fim específico, orientado pela objetividade e por práticas precisas. Esta racionalidade queda para a desvinculação de qualquer moralidade, se pretende um conhecimento puramente utilitário e axiologicamente neutro.

No trajeto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade [...]. O procedimento matemático tornou-se, por assim dizer, o ritual do pensamento. Apesar da autolimitação axiomática, ele se instaura como necessário e objetivo: ele transforma o pensamento em coisa, em instrumento, como ele próprio o denomina (Adorno e Horkheimer, 1985 p.15).

A crítica formulada pelos autores incide sobre os rumos que essa suposta neutralidade científica tomou na modernidade. Porque, quando visto os efeitos que esta razão possui na realidade, vemos que a instrumentalização da razão contribui para formas cada vez mais precisas de dominação do sujeito para com a natureza. Esta dominação, a nosso ver – e é essa a hipótese que nos orienta – faz com que haja um esquecimento do vínculo originário que o sujeito possui com a natureza, vínculo esse de interconexão.

Anos mais tarde, em sua obra *Dialética Negativa* (1966), Theodor W. Adorno revisita e expande suas ideias sobre a relação entre o homem e a natureza, trazendo uma perspectiva crítica mais relacional. Ele afirma que essa lógica de dominação, que busca submeter a natureza às necessidades e desejos humanos de forma absoluta, revela-se contraditória e imprecisa, pois ignora a complexidade e a autonomia inerentes aos sistemas naturais. Adorno argumenta:

O primado da subjetividade continua de maneira espiritualizada a luta darwiniana pela existência. A subjugação da natureza para fins humanos

é uma mera relação natural; daí a superioridade da razão que domina a natureza e da aparência de seu princípio. Participa dessa aparência em termos metafísicos e de teoria do conhecimento o sujeito que se proclama o mestre baconiano e, por fim, o criador idealista de todas as coisas (Adorno, 2009, p. 150).

O controle total sobre a natureza é uma ilusão. A tentativa de dominar e explorar a natureza sem considerar suas próprias dinâmicas e limites resulta em um ciclo de destruição. Para ele, a relação entre o ser humano e a natureza não pode ser compreendida apenas através de uma perspectiva de exploração e manipulação. É necessário reconhecer e valorizar a interconexão de ambos. Compreender a natureza implica também compreender a própria condição humana, pois os dois estão profundamente entrelaçados. Ou, em seus dizeres, "os sujeitos se conscientizam dos limites de sua liberdade por pertencerem eles mesmos à natureza, mas sobretudo por sua impotência em face da sociedade autonomizada em relação a eles" (Adorno, 2009, p. 183).

Em dimensão, compreender a natureza é compreender a si mesmo, danificá-la é danificar a si mesmo, pois a natureza e o homem estão interconectados. Essa interconexão sugere que a exploração desenfreada e a degradação ambiental acabam por repercutir diretamente na vida humana, no bem-estar e na própria sobrevivência. A prática humana, portanto, deveria ser guiada por um reconhecimento da complexidade e da fragilidade dessa relação. A ética então construída deve ser holística, que exija uma abordagem que respeite e proteja tanto o ambiente quanto às condições sociais e culturais que sustentam a vida humana. Adorno enfatiza que uma verdadeira compreensão da natureza exige um rompimento com a lógica instrumental e a razão que reduz a natureza a um mero recurso a ser explorado. Em vez disso, é crucial adotar uma perspectiva que valorize a natureza em sua totalidade e complexidade.

A subjugação da natureza para fins humanos é uma mera relação natural; daí a superioridade da razão que domina a natureza e da aparência de seu princípio. Participa dessa aparência em termos metafísicos e de teoria do conhecimento o sujeito que se proclama o mestre baconiano e, por fim, o criador idealista de todas as coisas. No exercício de sua dominação, ele se torna parte daquilo que ele pensa dominar e sucumbe como o senhor hegeliano (Adorno, 2009 p. 155).

Assim percebemos que a relação entre o sujeito e a natureza possuem um ponto de inflexão na história, o paradigma da ciência Moderna, que está intrinsecamente ligado ao capitalismo, o nosso modo de produção. No entanto, quando atentamos para a contemporaneidade percebemos que essa relação se entrelaça com uma lógica neoliberal de mercado, uma "nova forma" do capitalismo impulsionada por agentes privados. Essa nova economia política global, resulta em uma hiperespecialização dos campos técnicos e no desenvolvimento de tecnologias cada vez mais precisas de dominação.

Como consequência pensar ciência na contemporaneidade é pensar contradição, e, a partir disso, percebemos uma sistematização do conhecimento técnico e um esvaziamento simbólico da teoria e, mais ainda, da crítica. Na ciência contemporânea, a teoria é vista como dores de parto; a técnica é a êxtase do nascimento, se supracita às dores necessárias para sua criação. Crítica, por sua vez, é apenas um lugar expropriado do pensamento contemporâneo, quando não banalizada é apenas caricaturizada. O lugar da crítica dentro da ciência contemporânea beira o parasitário, um espaço de fala contido e formal.

Nesse cenário infausto de sufocamento das forças de combate e de crítica, é que se dá a urgência da educação, tema central do pensamento adorniano, uma educação ambiental crítica como poder emancipatório do sujeito, como construção e resgate de uma subjetividade que possibilite a religação. “A única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contestação e para a resistência” (Adorno, 1995, p. 183).

Poderíamos atrelar esta ideia descrita à ideia de utopia. Utopia esta que se movimenta sempre à nossa frente, como diria Fernando Birri pela voz de Galeano. Se andamos um passo, ela se distancia dois, sua inalcançabilidade nos instiga a caminhar mais. Assim sendo, a utopia se aproxima muito mais de Sísifo do que do Olimpo dos Deuses. Utopia não se dá no lugar almejado, mas sim no percurso incessante, muitas vezes árduo, porém profundamente significativo. A nosso ver, é sobre um caminho *percalçado*, porém percorrido.

A Educação Ambiental Crítica, por sua vez, é uma utopia de religação. Ela não se limita a transmitir conhecimentos catalogados sobre o ambiente, nem na manutenção do modo predatório vigente, mas busca instigar uma reflexão profunda sobre as relações entre sociedade, natureza e poder, e constituir um conhecimento que entenda a natureza como parte integrada do sujeito.

WALTER BENJAMIN E A RECONCILIAÇÃO COM A NATUREZA

Por mais que o objetivo geral deste artigo seja investigar a relação sujeito-natureza à luz da Teoria Crítica adorniana para enfim pensarmos a Educação Ambiental, nos parece importante um apêndice de autores respectivos à Teoria Crítica que influenciaram, ou foram influenciados diretamente por Adorno. Um desses casos de mútua influência é propriamente Walter Benjamin.

O poderio de produção interdisciplinar da escola de Frankfurt se deve muito ao constante diálogo mantido entre seus participantes de distintas formações científicas, porém até mesmo entre seus pares, Adorno mantinha uma aproximação conceitual e de certo modo pessoal com Max Horkheimer, com quem realiza sua principal contribuição para a teoria sociológica no texto *A Indústria Cultural: O Esclarecimento Como Mistificação das Massas*, publicado na obra base desta pesquisa *Dialética do Esclarecimento* (1947).

Essa aproximação conceitual, e pessoal, também fica evidente quando observamos a relação entre Theodor W. Adorno e Walter Benjamin. Porém, antes de tratar acerca deste

encontro e influência, se faz necessária uma breve apresentação de quem foi Benjamin, e para não cair na vulgaridade de uma apresentação catalogada e rígida, tomamos as palavras de Robert Sayre e Michael Löwy, na obra *Anticapitalismo Romântico e Natureza: O jardim encantado* (2021, p. 113), em que eles apresentam Benjamin e destacam os primeiros movimentos de Benjamin em aproximação ao materialismo histórico, e logo, ao marxismo:

Walter Benjamin (1892-1940) é um dos teóricos culturais mais importantes do século XX. Amigo próximo de Gershom Scholem e Theodor W. Adorno, ele pertence a uma constelação intelectual específica da cultura judaica alemã, inspirada pelo messianismo judaico, pelo romantismo alemão e pelas ideias revolucionárias modernas. Seus escritos não são um sistema teórico, mas sim uma forma experimental de pensamento em permanente evolução [...] Depois de descobrir o marxismo em 1924, o materialismo histórico se tornou um componente decisivo de suas reflexões, mas de forma heterodoxa e idiossincrática.

Curiosamente a data de descobrimento do marxismo por parte de Benjamin indicada pelos autores corresponde ao ano de encontro físico entre ele e Adorno, o ano de 1924. Assim podemos indicar, a partir das fontes, que o primeiro contato estabelecido por Adorno já é com um Benjamin iniciado na teoria revolucionária. Essa amizade se estende pelos próximos 16 anos, até o fim da vida de Benjamin, em 1940, quando este comete suicídio fugindo da ocupação nazista na França. Durante esse período há uma incessante troca de correspondências entre ambos, onde além de discutirem suas obras, se criticavam, se orientavam, ofereciam pareceres e opiniões de seus trabalhos, e no decorrer de todos esses movimentos trocavam suas pessoalidades.

Quando atentamos para a compreensão de Benjamin sobre a natureza, antes de 1924, percebemos uma forte influência do Romantismo Alemão. Isso se dá pela sua concentração de pesquisa nesse campo literário-artístico. Benjamin indicava no Romantismo essa construção de uma subjetividade capaz de reconstituir o sujeito como parte integrada à natureza, e, como romântico, não fugia dessa reconstituição o caráter espiritual que a natureza toma. De certa forma podemos entender esse movimento benjaminiano como uma nova mitologização da natureza, condizente com as possibilidades de seu contexto.

Mais adiante a 1924, tendo contato com leituras marxianas, Benjamin traz à essa compreensão a inevitabilidade que a lógica de exploração da natureza no capitalismo infere nessa relação fraturada entre o sujeito e a natureza. Pautado sobre o conceito de *ruptura metabólica*, presente no Capital de Marx, Benjamin vai propor uma crítica radical à essa lógica de exploração, pontuando que o desenvolvimento técnico na modernidade, é um desenvolvimento com um fim determinado, tem como foco a dominação da natureza, isso conversa diretamente com a visão proposta por Adorno na *Dialética do esclarecimento* sobre a razão instrumental, em que o desenvolvimento científico na modernidade é o desenvolvimento de técnicas cada vez mais precisas de dominação.

A discussão proposta por Benjamin sobre a dominação e exploração da natureza está presente em seu livro *Passagens*, coletânea de textos escritos entre 1927-1940 e publicado postumamente em 1982. Sayre e Löwy (2021, p. 127) atentam para algo importante, a conotação que esse termo “domínio” possui nas obras originais de Benjamin:

É preciso enfatizar que a palavra alemã *Ausbeutung* tem conotações um pouco mais radicais que “exploração”: ela tem a mesma raiz comum que *Beute*, “butim” que sugere saque. Assim, *Ausbeutung der Natur* significa não só explorar, mas também espoliar a natureza, que é obviamente, um dos principais *topoi* críticos da ecologia moderna.

Nesse momento do pensamento de Benjamin, agora fortemente influenciado por um materialismo histórico, vemos que ele transiciona de uma proposta puramente romântica, para uma essencialmente revolucionária, entendendo que a reconciliação com a natureza se daria a partir da instauração de um modo de produção que não se baseasse na exploração do trabalho humano, e em que o próprio conceito de trabalho fosse ressignificado:

O trabalho [...] despe-se do caráter de exploração da natureza pelo homem, e se realizaria, então segundo o modelo do jogo infantil que serve de base ao “trabalho apaixonado” dos “harmonianos em Fourier. [...] Um trabalho animado assim pelo jogo não visa a produção de valores e sim o melhoramento da natureza (Benjamin, 2006, p. 406).

Benjamin identifica essa possibilidade de reconciliação com a natureza na arte, a exemplo do próprio romantismo, como uma exploração estético-simbólica capaz de religar o sujeito e a natureza. No entanto, por mais que as formas sejam distintas, é inegável afirmar que a Arte apontada por Benjamin unida a educação apontada por Adorno, oferecem um poderio claro de reflexão crítica sobre a natureza. Falamos aqui de uma educação estético-crítica.

RAZÃO, DOMINAÇÃO E CRÍTICA

Também baseando-se na teoria crítica de Adorno e Horkheimer, observamos que a instrumentalização da razão, que surge com a modernidade, tem consequências profundas não só sobre a natureza, mas também sobre as relações humanas. Ao privilegiar a razão como uma ferramenta meramente funcional, a ciência se torna a única fonte de verdade, e a tecnologia é utilizada como um meio de controle e dominação. Esse processo, que pretendia superar a mitologia e os dogmas da época pré-iluminista, paradoxalmente cria um tipo de mito: a crença de que a razão pura, desvinculada de qualquer reflexão ética ou histórica, é capaz de resolver todas as questões humanas e naturais.

O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa.

Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência. Só o pensamento que se faz violência a si mesmo é suficientemente duro para destruir os mitos [...] desse modo, o esclarecimento regride à mitologia da qual jamais soube escapar. Pois, em suas figuras, a mitologia refletirá a essência da ordem existente – o processo cíclico, o destino, a dominação do mundo – como a verdade e abdicará da esperança (Adorno e Horkheimer, 1985 p. 5; 15).

Jay (2008) aponta que, ao buscar emancipar o ser humano das crenças tradicionais, a razão instrumental acaba por criar uma forma de mitologia, uma vez que se baseia na subjetividade humana. A razão, ao se transformar em uma ferramenta de controle, não mais orientada pela busca da verdade em sua totalidade, mas pelos interesses econômicos e de poder, submete tanto o indivíduo quanto o coletivo à lógica do mercado e do Capital. Nesse contexto, a ciência e a tecnologia, que inicialmente surgiram com o objetivo de libertar o homem da superstição e da ignorância, acabam se tornando instrumentos de dominação, reduzidos a ferramentas para a exploração e maximização de lucros.

Essa instrumentalização da razão leva à transformação da natureza em um simples objeto de exploração, sem considerar suas complexidades e interdependências. A visão utilitarista da natureza, como algo que existe apenas para servir aos interesses humanos, está diretamente ligada à alienação do homem, que se vê cada vez mais como uma peça dentro de um sistema produtivo, subordinado às exigências da produção e do consumo. Nesse processo, o ser humano perde sua autonomia e sua capacidade de reflexão crítica, visto que a razão instrumental se limita a medir e controlar, sem questionar o valor ético ou humano das ações realizadas.

Adorno e Horkheimer sugerem que essa alienação não se restringe apenas ao indivíduo que trabalha ou consome, mas afeta a sociedade como um todo, reduzindo a complexidade das relações humanas a um conjunto de interações dominadas pelo mercado e pela produção. Ao concentrar-se exclusivamente em meios e resultados, a razão instrumental esvazia o eu-pensante, que antes poderia questionar e buscar alternativas. O valor da vida humana é agora medido pelo valor da produção e do consumo, e a busca pela satisfação pessoal e pelo bem-estar é subordinada à lógica capitalista que exige um consumo insaciável e contínuo. Esse consumo não é mais apenas material, mas também psicológico, levando a uma nova forma de alienação, em que o ser humano, ao buscar incessantemente a satisfação de desejos criados e impulsionados pelo mercado, acaba perdendo a conexão consigo mesmo e com a realidade que o cerca.

Em síntese, o que Adorno e Horkheimer nos mostram é que, ao invés de libertar o indivíduo das amarras da superstição e da tradição, a racionalidade moderna, ao ser reduzida a um instrumento de controle, acaba gerando novas formas de dominação e alienação. A ciência, a tecnologia e a razão instrumental, que deveriam emancipar o ser humano, acabam por aprisioná-lo em um ciclo de exploração e consumo, em que a natureza

e as relações humanas são tratadas como objetos a serem manipulados, sem considerar suas dimensões éticas e existenciais. O Iluminismo, enquanto promessa de esclarecimento e superação da superstição, fracassa ao se deixar capturar pela lógica da racionalidade instrumental. Esta forma de racionalidade, centrada na eficiência, na previsão e no controle, despoja a razão de seu conteúdo crítico e reflexivo, tornando-a funcional aos imperativos da técnica, do mercado e da administração.

Nesse contexto, a ciência e a tecnologia, longe de se configurarem como ferramentas neutras a serviço da liberdade, assumem um papel ativo na manutenção da ordem social existente. A razão, reduzida a um mero cálculo de meios, deixa de interrogar os fins. Com isso, a própria subjetividade é moldada por imperativos heterônomos: o indivíduo passa a internalizar a lógica da dominação como se fosse natural, adaptando-se a uma ordem que o coisifica. O sujeito do esclarecimento, antes autônomo e reflexivo, transforma-se em um consumidor passivo, integrado a um sistema que converte a natureza e os vínculos humanos em mercadorias.

Os autores da *Dialética do esclarecimento* denunciam, assim, a inversão do esclarecimento em mito: ao pretender superar a natureza por meio da razão técnica, o homem moderno a reifica e a submete a uma violência sistemática – o que equivale, paradoxalmente, a um retorno à barbárie sob o véu do progresso. A dominação sobre a natureza exterior espelha e reforça a dominação sobre a natureza interior dos sujeitos, apagando os traços da sensibilidade, da contemplação e da alteridade. Em suma, o projeto racionalista, quando desprovido de uma crítica imanente aos seus próprios pressupostos, não liberta: ele captura, instrumentaliza e normatiza.

Dessa maneira, a crítica adorniana à razão instrumental assume um teor ético, epistemológico, ontológico e existencial profundo. Trata-se não apenas de uma crítica ao uso da razão, mas à forma como essa razão estrutura o mundo social e subjetivo. O desafio filosófico que se impõe, portanto, é o de resgatar uma racionalidade substantiva, que se oriente pelos valores da dignidade, da liberdade e da justiça – uma razão que não se limite a dominar, mas que saiba também escutar, acolher e preservar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, compreende-se que a racionalidade instrumental, conforme delineada por Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*, opera como um dispositivo de dominação que não apenas desumaniza as relações sociais ao reduzir o ser humano à lógica da utilidade e do desempenho, mas também reconstrói a própria natureza enquanto objeto de controle e exploração técnica. Essa forma de racionalidade – que se pretende objetiva, mas está enraizada em formas subjetivas historicamente constituídas – funda um novo mito: o da neutralidade da razão técnica, que oculta sua inscrição nos sistemas de poder e seus interesses materiais.

Tal processo, ao romper com a dimensão sensível, simbólica e espiritual da relação humano-natureza, instala uma alienação sistêmica que se reflete tanto na crise existencial dos sujeitos quanto no colapso ecológico do planeta. O homem moderno, alienado de sua

condição natural e histórico-cultural, é reduzido a uma peça funcional no maquinário do Capital, o que impede o exercício pleno de sua potência crítica, criativa e ética. A crise ecológica contemporânea, longe de ser apenas um problema técnico ou de gestão ambiental, revela-se como um sintoma de uma crise civilizatória mais profunda, enraizada nas formas hegemônicas de pensar, habitar e produzir o mundo.

Nesse horizonte, torna-se imprescindível repensar os fundamentos da educação ambiental, não mais como um aparato normativo e funcional voltado à adaptação dos indivíduos ao sistema, mas como um campo ético, estético e epistêmico de resistência. A superação da lógica instrumental requer a emergência de uma racionalidade outra – não redutível à técnica, mas fundada em uma ética do cuidado, da interdependência e da reciprocidade com o mundo natural.

É nesse ponto que o pensamento indígena, tal como formulado por Ailton Krenak e Davi Kopenawa, adquire centralidade não apenas como alternativa cosmológica, mas como crítica ontológica e política à razão ocidental moderna. Ao reencantar a natureza como sujeito de direitos e como entidade viva, os saberes indígenas propõem uma ruptura radical com a lógica da exploração e da objetificação, recolocando o ser humano no seio de uma totalidade relacional que exige respeito, escuta e equilíbrio.

Nesse sentido, a educação ambiental crítica deve incorporar, com radicalidade, esses saberes ancestrais como formas legítimas de conhecimento e resistência, promovendo uma pedagogia decolonial e ecológica que confronte as estruturas hegemônicas do saber e do poder. Trata-se, assim, não apenas de denunciar a destruição ambiental promovida pelo capitalismo global, mas de construir alternativas viáveis, pluriversas e enraizadas em práticas comunitárias, espirituais e políticas que restabeleçam a ligação perdida entre humanidade e Terra. Apenas por meio dessa virada epistêmica e ética será possível fundar um novo pacto civilizatório, capaz de reverter a trajetória de devastação e reinstaurar a dignidade da vida em sua plenitude.

Artigo recebido em: 24/04/2025

Aprovado para publicação em: 05/08/2025

"REMEMBRANCE OF NATURE WITHIN THE SUBJECT": CONTRIBUTIONS FROM CRITICAL THEORY TO RETHINK ENVIRONMENTAL EDUCATION

ABSTRACT: In a current situation in which we are faced with the intensification of an unprecedented environmental crisis in history, a crisis strictly related to our predatory mode of production in relation to nature, it becomes necessary to think of ways to combat this established logic and direct our discourse towards criticism. There are multiple focuses that this combat and criticism could have, but the present research sought in Critical Theory, accumulated mainly in the figure of Theodor W. Adorno

CORREIA, F. C.; SANTOS, J. P. A. dos

a way of combating and criticizing the current one, focusing mainly on the complex relationship between subject and nature in modernity, and ending in the contributions that Critical Theory can make to think about a Critical Environmental Education as well.

KEYWORDS: Domination; Environmental Education; Reason; Subject-Nature; Critical Theory.

REMEMORACIÓN DE LA NATURALEZA EN EL SUJETO: APORTACIONES DE LA TEORÍA CRÍTICA PARA REFLEXIONAR SOBRE LA EDUCACIÓN AMBIENTAL

RESUMEN: En una actualidad en la que nos enfrentamos a la intensificación de una crisis medioambiental sin precedentes en la historia, crisis esta estrechamente relacionada con nuestro modo de producción depredador en relación con la naturaleza, se hace necesario pensar en formas de combatir esta lógica instaurada y dirigir nuestro discurso hacia la crítica. Son múltiples los focos que podrían tener esta lucha y esta crítica, pero la presente investigación buscó en la Teoría Crítica, acumulada principalmente en la figura de Theodor W. Adorno, una forma de lucha y crítica a lo vigente, centrándose principalmente en la compleja relación entre el sujeto y la naturaleza en la modernidad, y cerrándose en las contribuciones que la Teoría Crítica puede realizar para pensar una Educación Ambiental también Crítica.

PALABRAS CLAVE: Dominación; Educación Ambiental; Razón; Sujeto-Naturaleza; Teoría Crítica.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento:** fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1985.

ADORNO, Theodor W. **Dialética Negativa.** Rio de Janeiro. Zahar. 2009.

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação.** Rio de Janeiro, 3ª edição, Editora: Paz e Terra, 1995.

BENJAMIN, Walter. **Passagens.** São Paulo: Editora UFMG e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo, Brasiliense, 1996.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira.** São Paulo: Olho D'Água, 2001.

JAY, Martin. **A imaginação dialética:** história da escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisa sociais, 1923-1950. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2022.

SAYRE, R.; LOWY, M. **Anticapitalismo romântico e natureza: o jardim encantado**. São Paulo: Unesp, 2021.

FÁBIO CAIRES CORREIA: professor assistente no Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação, Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Campus Rio Claro. Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestre em Educação pela Universidade de Sorocaba. Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Tocantins e bacharel em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pesquisador Associado à Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade (UCB/UNESCO). Coordenador do Núcleo de Estudos Violência, Democracia e Direitos Humanos (CNPq – Processo 409234/2022-2). Membro das Sociedades Brasileira de Filosofia da Educação – SOFIE – e Filosofia da Educação de Língua Portuguesa – SOFELP.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1768-3720>

E-mail: fabio.caires@unesp.br

JOÃO PEDRO ARAÚJO DOS SANTOS: licenciando em Geografia pela UNESP, Campus Rio Claro, com interesse no campo de pesquisa da Educação Ambiental Crítica. Membro do Núcleo de Estudos Violência, Democracia e Direitos Humanos (CNPq – Processo 409234/2022-2).

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-3192-278X>

E-mail: jpa.santos@unesp.br

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 3.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).